

A LITERATURA ALÉM DO LIVRO E A RECEPÇÃO LITERÁRIA NAS FANPAGES NO FACEBOOK

Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho
Elizabeth Gonzaga de Lima

Universidade do Estado da Bahia – UNEB
ubiratansobrinho80@gmail.com

Resumo: O presente ensaio explana e discute as práticas de recepção literária nas fanpages do Facebook, bem como a insurgência de um novo perfil leitor: o leitor imersivo (ou virtual), bem como suscita a discussão de seu imbricamento aos dinamismos e interfaces da literatura presente nas redes sociais da internet. Nesse artigo, os estudos do leitor imersivo estarão condicionados a sua inter-relação e recepção aos textos literários dispostos nas redes. Adotou-se enquanto procedimento metodológico a observação nos ambientes virtuais das redes sociais da internet, os dados resultantes das pesquisas de Iniciação Científica realizadas entre 2013-2015, assim como teorias relacionadas ao tema. Os dados foram analisados a partir das concepções da Estética da Recepção, Teoria de Mídias e demais estudos que concedem ao leitor uma prática mais ativa frente à leitura e análise de textos, presentes em Hans Robert Jauss (1994), Wolfgang Iser (1996) Regina, bem como os estudos contemporâneos desenvolvidos por Roger Chartier (1998) Lucia Santaella (2011) e Pierre Lévy (1996) que se debruçam sobre o estudo do leitor e das práticas leitoras nos ambientes incorpóreos da virtualidade.

Palavras-chave: Literatura nas Mídias; Recepção Literária; Fanpages.

INTRODUÇÃO

Roger Chartier (1998), especialista em história da leitura, estuda os significados sociais dados aos textos pelo autor e pelo leitor. Chartier destaca em suas pesquisas que há um distanciamento entre os sentidos atribuídos pelos autores e leitores a um mesmo texto. Dentre outras teorias do autor, uma que vêm sendo utilizada enquanto arcabouço teórico para subsidiar pesquisas acerca dos movimentos de leitura é a de que a prática leitora aplicada ao texto correlaciona-se diretamente com o suporte no qual foi escrito. De acordo com autor, os discursos, obras e demais textualidades só passam a existir quando se materializam, tornam-se realidades físicas. Desse modo é necessário lançar mão de um olhar minucioso para compreender como a evolução dos suportes de leitura e de escrita interferem no processo de recepção dos textos. Do rolo de papel ao códice, e do códice ao livro subdividido por páginas e capítulos, tem-se aí uma importante revolução na história dos suportes dos registros da escrita e leitura. Atualmente tanto Chartier (1998) quanto demais estudiosos que pesquisam essa relação de suportes e recepção leitora, investigam outro significativo salto nesse processo, dos livros aos suportes eletrônicos (aos textos em tela), sobretudo, nas redes sociais da internet.

De acordo com a pesquisadora Raquel Recuero as redes são, “sistemas que permitem a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoa; a interação através de comentários; e a exposição pública da vida de cada ator”. (2009, p. 102). Ao longo dos anos as redes foram introduzindo novas funcionalidades aos seus mecanismos, editor de imagens incorporado à própria rede como é o caso do *Instagram*, ou a realização ligações com chamadas de vídeo como ocorre no *Skype*, dentre outras. Para além das atualizações que são inerentes ao próprio sistema de funcionamento das redes, os usuários também atualizam os modos de utilizar as páginas, por exemplo, do crescente hábito entre os sujeitos online é fazer uso dos seus perfis para a escrita, compartilhamento e leitura de literaturas.

A Literatura hospedada em rede se apresenta de diversos modos, tanto pela inovação na mudança dos suportes, a exemplo de um texto em prosa ou verso que digitalizado de um livro atinge centenas de usuários em fração de segundos, quanto a novos gêneros literários que surgem tais como as *Fanfics*, *Webnovelas*, dentre outros. Os experimentalismos literários nas redes sociais vêm sendo objeto de estudos de várias áreas do conhecimento, pois as interações entre indivíduos e textos literários nos ambientes online das redes sociais têm corroborado para acessibilidade no acesso da literatura, o contato com obras e autores, e conseqüentemente para formação do leitor literário.

EMBASAMENTO TEÓRICO

A mídia social Facebook estrutura-se a partir de alguns dispositivos e funções, tais como as *Fanpages*, termo que segundo Lustosa (2012) traduz-se por “páginas de fã”. Tais páginas se configuram enquanto uma interface dentro da rede social, uma espécie de ambiente virtual que em seu funcionamento se assimila as extintas comunidades da rede social Orkut. Nessas *pages* os internautas que dispõem de perfis ativos no *Face* podem tornar-se participantes a partir da ação “Curtir” (Ao curtir a página, o indivíduo passa a receber notificações das atualizações que ocorrem nesta, bem como dispõe da possibilidade de interagir com esse conteúdo). Dessa forma os usuários constroem um vínculo com o que é publicado pela página.

Inicialmente as fanpages divulgavam conteúdos que se relacionavam à publicidade e propaganda de empresas e personalidades que custeavam as páginas ou mantinham patrocínio com o Facebook em função do marketing realizado. Contudo, em virtude da abrangência da rede, bem como da incorporação das *pages* aos nichos de serviços gratuitos do Facebook, possibilitou que cada vez mais portais de Governos, Associações, ONGs, coletivos de Artes e demais áreas sociais,

do conhecimento, dentre outras, fizessem usufruto desse ciberespaço para construção e divulgação de conteúdos. O Facebook mesmo após anos de existência continua reinventando as suas interfaces permitindo que os próprios usuários criem aplicativos para adicionarem as suas páginas.

Com a ascensão da internet os profissionais do marketing, por exemplo, puderam modificar a forma pela qual as empresas interagem com os consumidores, fazendo uso de um modelo interativo de comunicação com o uso das redes sociais, “as quais estabelecem um modelo de comunicação do tipo ‘muitos para muitos’” (HOFFMAN; NOVAK, 1996). Acerca desta nova prática, de abrangência e fluxo comunicacional e informacional nas redes, Ferreira observa (2014, p. 12):

Dentro da rede social Facebook as empresas criaram fanpages de suas marcas a fim de promover uma maior proximidade e estreitamento das relações com seus clientes, ao passo em que potencializam as funções de comunicação do marketing e melhora a interação com seus stakeholders.

As fanpages emergiram enquanto mais um espaço colaborativo de cultura livre, infraestrutura da nova ecologia comunicativa, desenvolvendo uma interface criativa para empresas, organizações e marcas compartilharem suas histórias e conectarem-se com as pessoas. Contudo no decorrer do tempo tais páginas foram deixando a exclusividade do *merchandising* e adquirindo mais espaço para usabilidade, atingindo assim um público diversificado. As *pages* se converteram em espaços de entretenimento, humor, engajamento político e de fomento a produções e veiculações da arte. Nesse contexto, que corrobora para a hospedagem da arte em rede, se realizada uma ligeira pesquisa irá se constatar, de modo peculiar, a presença significativa da literatura nesses espaços.

A nova reinvenção da literatura, a de estar hospedada numa interface de uma dada plataforma online propaga-se em sites, revistas *teens*, no meio acadêmico e entre a crítica literária. Conforme observa a Lígia Mendes Boareto (2014), no artigo *Facebook também é lugar para Literatura*, para autora essa presença da literatura nas redes sociais está se cristalizando em função dos múltiplos compartilhamentos e inferências nas fanpages do Facebook, bem como por intermédio dos usuários, que cada vez mais e com maior frequência, recorrem a construção, leitura e propagação dessa arte nos meios líquidos.

Ao se debruçar sobre a pesquisa *Faces da recepção da literatura nas fanpages no Facebook*, de Subrinho e Lima (2014), observa-se que entre os canais da rede social, estabelecendo enquanto pré-requisito a quantidade de seguidores que uma página dispõe (número de usuários que curtem a página, e interação com o conteúdo disponibilizado nela), pode-se destacar entre as mais recorrentes, quatro tipos distintos de páginas de literatura e seus respectivos aspectos:

Páginas Autobiográficas/autorais: Geralmente sinalizam no título ou na descrição de qual autor específico tratam, trazendo enquanto temática vida, obra e informações adicionais acerca deste. [...] *Páginas Discussão definida:* Nestas encontram-se abordagens acerca de obras literárias específicas, sendo que a maioria dos textos e discussões versa sobre a temática principal da página, os exemplos são ‘*Traiu ou não traiu?*’ e *Capitu*, nesta página são travados debates para argumentar se houve ou não a traição por parte de Capitu a Bentinho. [...] *Páginas de Informação e Comercialização:* Identificáveis a partir das descrições constantes nas páginas, essas se destinam a informar aos leitores desde onde ocorrerão feiras, saraus literários e espaços para praticar leitura, quanto às lojas e livrarias que dispõem de melhores preços, também servindo enquanto espaço de comercialização de livros e produtos relacionados às narrativas (material escolar, brinquedos, ornamentação para festas, dentre outros). [...] *Páginas de (Re)apropriação/Releituras Literárias:* Com muito humor e ironia essas páginas se destacam por reler de modo satírico as obras literárias, traçando similaridades e contrapontos entre a arte e a vida. (SUBRINHO e LIMA, 2014, -795-6)

É incontestável o fato de que as fanpages deixaram de ser apenas um meio para veiculação publicitária, assim como não há espaços para dúvidas de que a literatura presente nestas *pages* transcendem as definições das páginas aqui abordadas e que necessitam de um espaço maior de discussão para estudar os efeitos que esse novo meio de hospedar literatura exerce sobre os leitores, sobretudo aqueles que estão imersos neste processo, interagindo com esses espaços na rede. Acerca da contemporânea realidade desses textos hospedados em suportes digitais, aproximando aqui para o escopo das fanpages, o filósofo francês Pierre Levy explana,

[...] o suporte digital permite novos tipos de leituras (e de escritas) coletivas. Um *continuum* variado se estende assim entre a leitura individual de um texto preciso e a navegação em vastas redes digitais no interior das quais um grande número de pessoas anotam, aumenta, conecta os textos uns aos outros por meio de ligações hipertextuais. (LÉVY 1996, p. 24)

Por intermédio dos mecanismos existentes no Facebook e conseqüentemente nas fanpages, funções como postar, curtir e compartilhar é que os internautas promovem esse processo de ampliação e ressignificação dos textos. Uma vez que essa realidade líquida está posta para a literatura, é necessário suscitar alguns questionamentos como por exemplo, se, e de qual modo essa literatura eletrônica atrai mais indivíduos, corroborando para sua formação leitora literária, bem como discutir a forma que esse (hiper)leitor recepciona a leitura na rede.

Quanto ao texto pode-se dizer que o meio online possibilitou a insurgência de novos gêneros e da atualização dos já existentes, o texto em si tornou-se mais aberto, a sua hospedagem em ambiências virtuais fez com que cada vez mais esse se aproximasse do rio do filósofo Heráclito em seu aforismo “tudo flui como num rio”, ficando premente a extinção das unilateralidades interpretativas. Atualmente, de modo colaborativo, cada (hiper) leitor irá contribuir com a fluidez na atualização e construção de escritas e sentidos, permitindo assim que o mesmo permaneça em

constante mutação. Acerca dessa criação colaborativa por meio de comunidades online Lévy (1999, p. 15) enfatiza:

A nova universalidade não depende mais da autossuficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio de interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados e uma renovação permanente.

Dito isto, cabe destacar que o conceito de hipertexto foi desenvolvido por Pierre Lévy (1993), filósofo da cultura virtual contemporânea, autor de diversas obras cuja centralidade é a virtualização dos objetos, relações e sistemas. Em *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da Informática*, analisa as rápidas transmutações ocorridas ao longo dos anos com a informática, do processador de informações ao gerador e mediador de conhecimentos, além de conceituar e ponderar as potencialidades do hipertexto:

Hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. [...] Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p.33)

Quanto a leitura, defende o autor que esta consiste em atualizar o texto, em outras palavras, significá-lo, “Pode-se dizer que um ato de leitura é uma atualização das significações de um texto...” (LÉVY, 1996, p. 41). Pierre Lévy pesquisa a construção do novo perfil leitor, o leitor navegador que povoa o ciberespaço, ao qual atribui o novo arquétipo leitor de leitor, “o leitor em tela”, enquanto um sujeito que prima por uma leitura investigativa, que se depara com inúmeras ferramentas de busca, interação e interferência no objeto lido. O filósofo francês incorpora aos seus estudos, investigações sobre o atual e o virtual de alguns determinados gestos. Sendo assim, para além de atualizar o texto, na leitura mediada pelos dispositivos da informática, o leitor concomitantemente a sua realização, desenvolve para além da leitura e reflexão, outras competências tais como, a de operar o comando: Para começar, o leitor em tela é mais “ativo” que o leitor em papel: ler em tela é, antes mesmo de interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa. (LÉVY, 1996, p. 41)

Recorrendo ao uso da metáfora do navegador, Lévy estabelece características similares entre este e o leitor dos ambientes virtuais. Os sistemas são complexos, entretanto há meios e caminhos a serem percorridos que tornam essa navegação mais tranquila. Nesse contexto, os hipertextos são ferramentas que os leitores não podem deixar de conhecer, é só a partir das rotas traçadas por estes

(de forma linear ou não) que se chega ao cais, “O navegador participa assim da relação ou pelo menos da edição do texto que “lê”, uma vez que determina sua organização final (a *dispositio* da antiga retórica)” (LÉVY, 1996, p. 45), a respeito disso conclui o filósofo:

O navegador pode se fazer de autor de maneira mais profunda do que percorrendo uma rede preestabelecida: participando da estruturação do hipertexto, criando novas ligações. Alguns sistemas registram os caminhos de leitura e reforçam (tornam mais visíveis, por exemplo) ou enfraquecem as ligações em função da maneira como elas são percorridas pela comunidade dos navegadores. (1996, p. 45).

Diante das questões discutidas por Lévy e de dos demais teóricos anteriormente citados, é de compreensão geral de que todos os estudos e teorias desenvolvidas a respeito do leitor, além de investigar o modo pelo qual concebe e recepcionam, buscavam também estabelecer métodos para auxiliar na condução dos indivíduos a uma formação leitora proficiente, o que se buscou e se busca na contemporaneidade, a criticidade, flexibilidade e responsividade acerca do texto lido.

A Construção da presente pesquisa se deu por intermédio de uma abordagem de natureza Qualitativa, pois pretende investigar as motivações e efeitos de um dado fenômeno social, sem que, necessariamente, se busque uma quantificação ou a construção de dados estatísticos. Antes, com essa investigação prima-se evidenciar o modo pelo qual os sujeitos estão se envolvendo e reagindo frente ao objeto pesquisado. Pela consonância com os objetivos da pesquisa, por seu caráter bibliográfico e por possibilitar maiores mecanismos de análise, será adotada uma interferência de cunho Exploratório, pois “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41).

A execução da pesquisa ocorreu de modo multifacetado, dividido em cinco etapas que se complementam, sendo elas, leitura de aporte teórico; observação em ambiente virtual da internet; mapeamento de páginas nas fanpages do Facebook; seleção de objetos de análise; e análise do material selecionado, refletindo, problematizando e prestando contribuições a partir de algumas considerações.

A primeira etapa dessa investigação consistiu em levantamento, leitura e fichamento de referencial bibliográfico que posteriormente ancoraram as análises. Para fins de leitura foram selecionados textos teóricos oriundos dos *Estudos de Mídias* e das *Teorias dos Estudos Literários* que explanem e problematizem acerca dos processos de concepção, leitura e recepção dos textos em suportes distintos. Também serão realizadas leituras que apontem para o surgimento da internet, da criação de suas extensões e interfaces, da horizontalização das relações e democratização do acesso à conteúdos viabilizados pelas redes sociais de internet e da emergência da cibercultura.



Na etapa seguinte, foram realizadas as observações nos meios líquidos, nas redes sociais da internet, atendo-se as fanpages, buscando nessas comunidades, páginas e perfis de escritores, coletivos organizados e demais indivíduos que se utilizem desses espaços para construção e divulgação de textos de caráter literário. Posteriormente, tais páginas e perfis serão mapeados, sendo elencadas algumas características, processos de alimentação e retroalimentação de conteúdos, dentre outras especificidades. Para fins de análise, serão selecionados páginas e perfis que dispuserem de publicações relevantes ao estudo, postagens com número considerável de interferências (Curtidas, comentários e compartilhamentos) realizadas pelos usuários.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

Ao longo dos anos, alguns métodos e teorias foram desenvolvidos a fim de nortear a análise de textos literários. Atualmente fala-se dos Estudos Culturais, Crítica Contemporânea, Pós-Estruturalismo, Pós-Colonialismo, Estética da recepção, dentre outras abordagens que auxiliem nas abordagens de interpretação de textos. Sob esta perspectiva, depreende-se que o próprio texto literário, enquanto elemento cultural proporciona distintas possibilidades de análise.

Uma das correntes teóricas das mais relevantes para o escopo deste trabalho é a Estética da recepção, pois estabelece com o leitor, o autor e a obra uma relação dinâmica, cerne do processo de leitura e análise literária. Cabe salientar que, embora os olhares estejam lançados sobre a figura do leitor, não se pode dissociar a interdependência da tríade, autor, leitor e obra, para o êxito no percurso literário. Sobre os efeitos do desenvolvimento dessa teoria proposta por Jauss, Zilberman explana (1989, p. 29):

Desde o título original (“O que é e com que fim se estuda história da literatura”) ao que veio a ter depois (“A história da literatura como provocação da ciência literária”) e passando pelo foco dado ao problema, o Autor parece ter a intenção de polemizar com as concepções vigentes de história da literatura. Investe contra seu ensino e propõe outros caminhos, assumindo uma atitude radical que confere ao texto a marca de ruptura e baliza o começo de uma nova era.

Essa nova era, conforme analisa Zilberman está pautada na ruptura com métodos antigos e na insurgência de um novo pensar literário. Segundo Jauss (1994, p. 07) “os métodos tradicionais defendidos pelos adeptos do formalismo e marxismo, anteriormente vigentes, não abarcam por completo o fenômeno literário”, este não pode ser analisado unicamente a partir das condições históricas ou biográficas, tampouco em função do contexto sucessório do desenvolvimento de um



gênero, antes tem a necessidade de ser estudado pela ótica da recepção e da teoria de efeitos como enfatizou Jauss,

Ambos os métodos, o formalista e o marxista, ignoram o leitor em seu papel genuíno, imprescindível tanto para o conhecimento estético quanto para o histórico: o papel do destinatário a quem, primordialmente, a obra literária visa. Considerando-se que, tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade, a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor - relação esta que pode ser entendida tanto como aquela da comunicação (informação) com o receptor quanto como uma relação de pergunta e resposta -, há de ser possível, no âmbito de uma história da literatura, embasar nessa mesma relação o nexos entre as obras literárias. (JAUSS, 1994, p. 23)

Portanto, para o autor é só através da compreensão do leitor sobre determinada obra que se chegará à máxima totalidade de sentidos. De acordo com o crítico, analisar um texto contrapondo apenas os conhecimentos literários aos conhecimentos históricos limitariam as potencialidades deste objeto criando assim abismos entre os significados. Jauss então propõe o leitor como um terceiro elemento na história da literatura, afirmando que se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social.

Após Hans Robert Jauss conceder “cidadania” ao leitor, concomitantemente ou posterior a ele, outros estudiosos e teóricos também passaram a aproximar os seus estudos as questões referentes à subjetividade do leitor, a exemplo de Iser (1996), assim como Jauss também oriundo da escola de Constância, com a teoria do leitor implícito, além de Roland Barthes (1996), Terry Eagleton (1997) dentre outros. Sobre a nova dialética que se estabelece entre leitor e texto Eagleton explica que o leitor exerce funções tão primordiais ao texto, que até o caráter de literário ou não, quem atribuirá a este são as pessoas (leitores), e não mais o seu o autor,

Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante do que o seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. (EAGLETON, 1997, p.12)

Todavia ao longo dos anos, a literatura vem se mostrando uma eficaz ferramenta para formação de leitores que atendam aos padrões elencados anteriormente. A literatura embora não se possa definir com exatidão e unanimidade, compreende uma face da arte, elemento cultural que transforma as perspectivas do indivíduo a partir do seu contato com ela. Assim como as demais formas de texto escrito, a literatura participou da aglutinação proposta pela cibercultura, de hospedar-se nos ambientes online. Sobre esse movimento, Cunha (2008, p. 49) explana, “Diversos códigos migram para livro, da mesma forma como códigos do livro migram para outros suportes, e,



com esse trânsito, os textos vão assumindo características de estrutura hipertextual [...]”. Desse modo é imprescindível investigar como se configura a literatura presente nesses espaços, como os indivíduos recepcionam a literatura presente no ambiente virtual, (sobretudo nas redes sociais por agrupar maior número de indivíduos online), analisando quais as colaborações que a literatura hospedada nesses meios possibilita para a formação literária.

Sabendo do lugar de destaque que lhe foi atribuído o leitor passou a desfrutar de sua posição, acompanhando e interagindo com as mudanças que os processos e suportes da escrita sofreram ao longo dos tempos, povoando os múltiplos espaços de leitura. Observa-se que os sujeitos leitores estão exercendo as suas práticas leitoras nos meios on-line, especificamente nas redes sociais da internet. Nessas redes, os leitores exercem uma prática de atualização do texto virtual em que cada interferência do indivíduo atualiza os sentidos do texto, fazendo com que o mesmo seja enriquecido de novos valores semânticos e estéticos.

O *Print* abaixo extraído da fanpage classificada aqui enquanto *autobiográfica*, dedicada à autora Clarice Lispector, exemplifica-se mais claramente essa nova dialética que se estabelece entre leitor, texto, redes sociais, hiperlinks e recepção literária.

Ilustração 01 – Post Clarice Lispector



Fonte: <https://www.facebook.com/Clarice-Lispector-187687457950398/?fref=ts>

Na postagem o responsável pela página compartilha com os seus seguidores um fragmento da obra *A hora da Estrela*, em frações de minutos a publicação alcança milhares de seguidores, e centenas desses usam hiperlinks, alusões a outros amigos, curtidas e comentários de modo intertextual para inferir sobre a obra, o que Levy (1996) entenderá como atualização de um texto, aqui especificamente o texto literário.

Ainda na fanpage em homenagem a escritora Clarice Lispector, registram-se alguns comportamentos tais como, as inferências realizadas por intermédio dos comentários e compartilhamentos da postagem, que evidenciam o modo pelo qual os leitores recepcionam a literatura no Facebook:

Ilustração 02 – Post Clarice Lispector B



Fonte: <https://www.facebook.com/Clarice-Lispector-187687457950398/?fref=ts>

A princípio pode-se perceber o estabelecimento da interação entre o texto literário postado e a reação dos indivíduos por intermédios das ações, “Compartilhar” e “Curtir”, que por meio do *Print* da postagem apresentada, evidenciam que essas atingiram números significativos. Ao compartilhar um fragmento, os internautas deslocam o texto do seu contexto original (as fanpages), e lhes redirecionam para suas páginas pessoais, possibilitando que mais usuários da rede entrem em

contato com objeto literário. Entretanto onde se pode perceber de modo mais nítido a ação do leitor frente aos fragmentos de textos literários são nos espaços destinados aos comentários.

Nos comentários, o leitor exerce uma prática mais ativa, realizando inferências de modo imediato, e muitas vezes concomitante a escrita do autor. Ao analisar a virtualização da leitura, Levy (1996) defende que os comentários sobre determinados textos no espaço online, promovem o alongamento e a atualização do texto, os leitores dispõem de meios e da necessidade de inferir. O que também se registra nos suportes off-line, entretanto de acordo com Chartier (1998) esses processos de inferências são realizados de modo clandestino “o leitor pretende, todavia, inscrever sua clandestinidade no objeto, ele só pode fazê-lo ocupando sub-repticiamente, clandestinamente, os espaços do livro deixados de lado pelo escrito: contracapa do encadernamento, folhas deixadas em branco, margens do texto, etc.” (CHARTIER, 1998, p. 103). Para o autor os gestos exercidos pelos leitores contemporâneos sobre os livros virtuais e nas demais textualidades digitais é justamente o que se evidencia nas redes sociais, sobretudo, nos espaços destinados aos comentários,

O novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. Que resta então da definição do sagrado, que supunha uma autoridade impondo uma atitude feita de reverência, de obediência ou de meditação, quando o suporte material confunde a distinção entre o autor e o leitor, entre a autoridade e a apropriação? (CHARTIER, 1998, p. 88-91).

No comentário escrito pelo leitor (perfil 01), na postagem da página *Clarice Lispector*, percebe-se que o referido internauta conhece e admira as obras da autora, “*o bom de ler seus livros*”, bem como se evidencia a indicação da leitura das obras da autora aos demais leitores, ao instigar “*É desafiar a parte mais inteligente em nós para perceber um rio de sensações*”.

Na fanpage de *Releituras Literárias*, encontra-se outro exemplo de como as relações entre leitor e texto literário perpassam desde o uso de determinados textos ou obras para definir-se o seu estado de espírito no momento da postagem, até a realização de discussões mais profundas acerca da literatura. No Post que segue, a fanpage *Literatortura* compartilha a publicação oriunda do site *Literatortura*, em que é levantada uma discussão acerca da obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carrol, ser ou não Literatura Fantástica. O texto defende que de acordo com o estudioso Todorov não seja considerada enquanto uma obra fantástica, de imediato os internautas reagem, expondo suas opiniões, demonstrando o contrário.

Ilustração 03 – Post Literatortura



Literatortura
12 de janeiro às 13:00 · 🌐

Acha que Alice é literatura fantástica? Pense outra vez depois de ler este artigo.



Porque "Alice", de Lewis Carrol, não é Literatura Fantástica - Literatortura

"Acorde, Alice querida!" disse sua irmã. "Mas que sono comprido você dormiu." "Ah, tive um sonho tão curioso!" disse Alice, e contou à irmã, tanto quanto podia se...

LITERATORTURA.COM

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

411 pessoas curtiram isso. Principais comentários ▾

81 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Perfil 02 Acho que quem escreveu precisa ler um pouco mais sobre teoria da literatura fantástica, ficar só na introdução do Todorov não dá né... indico David Roas, Gama Khalil, Rosemary Jackson, Italo Calvino... Para Todorov, até mesmo Kafka não seria literatura fantástica.. os teóricos contemporâneos desconstroem muito da teoria do Todorov (que é apenas uma introdução mesmo), vale a pena a leitura! 😊

Curtir · Responder · 👍 21 · 12 de janeiro às 18:10

Perfil 03 @ **Perfil 04**, o que você acha disso? ✕

Curtir · Responder · 12 de janeiro às 15:26

Fonte: <https://www.facebook.com/Literatortura/?fref=ts>

O *perfil 02* por meio de seu comentário advoga que a “Alice” é sim uma obra fantástica, e ainda sugestiona a quem escreveu o ensaio “*ler um pouco mais sobre teoria da literatura fantástica*” indicando alguns teóricos e estudiosos do Fantástico na Literatura, para melhor concepção e aplicação da teoria. Outro fator que cabe destaque no representado é a ação que o *perfil 03* executa ao “marcar” o *perfil 04* para participar da discussão. Por intermédio pelas combinações de hiperlinks da rede, ao mencionar o nome de um usuário da rede social Facebook, o converte em endereço eletrônico, direcionando o indivíduo para o local onde seu nome fora mencionado, o que

nesse processo de leitura online, aproxima os leitores de uma prática de leitura partilhada e coletiva, sobre essa Santaella explana:

Não é mais tampouco um leitor contemplativo que segue as sequências de um texto, virando as páginas, manuseando volumes, percorrendo com passos lentos a biblioteca, mas um leitor em estado de prontidão, conectando-se entre nós e nexos, num roteiro multilinear, multissenquencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, música, vídeo etc... (SANTAELLA, 2011, p. 33)

A Literatura antes presente apenas em suportes físicos chega aos espaços virtuais por intermédio das redes sociais. Estas propiciam aos usuários online exercer a função de escritor e leitor simultaneamente, uma vez que as inferências fazem parte do processo de recepção literária em rede. É evidente o contexto inovador ao qual a literatura está imersa, faz-se necessário então à realização de pesquisas para dimensionar qual o tamanho da interferência que as redes sociais provocam na literatura, e, sobretudo de qual maneira esta literatura que está em rede chega até os leitores, e de qual maneira esses leitores recebem-na.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação e a discussão levantadas neste trabalho apontam para o entendimento de que as redes sociais tornaram-se um novo espaço para o encontro entre o leitor e a literatura. Essa literatura manifesta-se de modos distintos, seja por intermédio dos fragmentos literários compartilhados nas fanpages no Facebook, inferência sobre os textos dispostos na rede, bem como no casamento entre apropriação e sátira. Percebe-se também que a literatura presente nos ambientes virtuais corroborara para o surgimento de um novo perfil do leitor literário, assim como um novo modo de receber essa arte. Contudo, ao longo do percurso trilhado constatou-se a necessidade de discutir outras questões ligadas à formação desse leitor navegador.

No que diz respeito à recepção da literatura nas redes sociais, pode-se confirmar que esta ocorre de modo mais ativo, os mecanismos inerentes ao funcionamento das redes sociais demandam que os usuários respondam de forma imediata ao objeto disponibilizado (arquivo, conteúdos, dentre outros), no caso da literatura, os textos. Acerca desses textos, nota-se que a partir da interação desenvolvida com o que foi postado, “Comentar”, “Compartilhar” ou “Curtir”, os hiperleitores alonguem e atualizem o fragmento lido, possibilitando que estas ações sigam o fluxo das redes, permitindo que, cada vez mais usuários entrem em contato com esse tipo de conteúdo.



Esse hiperleitor que povoa as infovias é mais autônomo e participativo que o leitor de impressos. O leitor de suportes off-line, conforme observa Chartier (1998) está à margem da escrita, ficando com os espaços desprezados pelos autores, o que se distancia do que ocorre com o leitor navegador que, por intermédio dos perfis nas redes sociais, é possibilitado de entrar em contato direto com os autores das obras, sugerindo e escrevendo junto com ele, também inferindo sobre o texto durante e após a sua concepção.

Embora no Brasil sejam inúmeras as bibliotecas públicas, instituições filantrópicas que disponibilizam livros, políticas públicas que possibilitam o acesso ao livro enquanto um bem cultural, ainda assim, faz-se necessário aumentar o consumo de livros por todos os cidadãos, pois a aquisição destes é muito custosa para uma parcela da sociedade. Logo, partindo do princípio de que atualmente muitos indivíduos dispõem de perfis ativos nas redes, o que não requer grandes investimentos financeiros, basta que os sujeitos disponham de um microcomputador e acesso a internet, pode se afirmar que nas redes há uma democratização do acesso à literatura.

Diante dos objetos analisados neste trabalho, podemos concluir, dentre outras questões, que a literatura hospedada nas redes sociais corrobora para a democratização do acesso à literatura, possibilita que os autores publiquem seus textos e disponibilizem ao público, sem que necessariamente seja submetido a uma seleção editorial, sobretudo, oportuniza aos leitores uma interação imediata com os textos literários.

Dentro das particularidades, notamos que a recepção literária online nas redes se manifesta tanto de leitores maduros, que a partir de seus discursos disseminados nas redes demonstram que possuem ampla bagagem ao fazer alusões e conexões entre obras e autores, como também de leitores não tão experientes assim. A grande questão, que cabe ressaltar aqui, é a necessidade de se estudar esses espaços enquanto um ambiente propício para a formação e mediação do leitor e da leitura literária.

Referências

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BOARETO, Lígia Mendes. Facebook também é lugar para Literatura. Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/ligia_boareto/2015/05/-facebook-tambem-e-lugar-para-literatura.html
Acessado em: 08/07/17 às 11:09.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CUNHA, Maria Zilda. Entre livros e telas – A narrativa para crianças e jovens: saberes sensíveis e olhares críticos. **In. VI Atlântica n.14.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, Matheus. **Engajamento com fan pages de marcas no Facebook:** impacto da força do laço, homofilia e confiança. 26/02/2014.99. Dissertação – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas. São Paulo 26/02/2014. Online.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: Uma Introdução.** Trad. Waltensir Dutra São Paulo: Martins Fontes, 1997.

HOFFMAN, D. L.; NOVAK, T. P. (1996). Marketing in hypermedia computer-mediated environments: conceptual foundations. **The Journal of Marketing**, 60(3), 50-68

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético.** . Trad. Johannes Kretschmer São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert .**A história da literatura como provocação à teoria literária.** Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** Rio de Janeiro: Editora 34 Letras, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves São Paulo: Ed. 34, 1996.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** 4. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

SUBRINHO, Abinalio Ubiratan da Cruz; LIMA, Elizabeth Gonzaga de. Faces da Recepção da Literatura nas fanpages no Facebook. **In: XVIII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA,** 2014, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 18 Anos de IC na UNEB, Salvador: EDUNEB, 2014, p 795-6.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 1989.